ZHIVOTUT SI TECHE TIHO... / 1957 [1988]

(“A Vida Passa Calmamente...”)

Um filme de Binka Jeliaskova e Hristo Ganev

Realização: Binka Jeliaskova, Hristo Ganev / *Argumento:* Hristo Ganev / *Direção de Fotografia:* Vasil Holiolchev / *Cenografia:* Asen Grozev / *Maquilhagem:* Kiril Trayanov / *Música original:* Georgi Ivanov Tutev / *Interpretação:* Bogomil Simeonov (Zhelyo), Georgi Georgiev-Getz (Petko), Emilia Radeva (Sheli), Ivan Bratanov (Vankata), Dimitar Buynozov (Pavel), Ivanka Dimitrova (Lyuba), Lyubomir Dimitrov (Velko), Nikola Dadov (Bay Stanyo), Kunka Baeva (Velichka), Adriana Andreeva (Kremena), Ivan Kondov (Markov), Pavel Yovkov (Vihar), Nikolay Atanasov (Boyko), Vladimir Bratanov (Ognyan), Nikola Popov, Encho Tagarov, Katya Zehireva, Yordan Spasov, Rina Pencheva, Stoil Popov.

Produção: Boyana Film (Bulgária, 1957) / *Cópia:* 35mm (Bulgarian National Film Archive), preto e branco, falada em búlgaro, legendada eletronicamente em português e búlgaro / *Duração:* 104 minutos / *Estreia:* “Centro de Cinema”, Bulgária, 1988 / *Inédito comercialmente em Portugal / Primeira apresentação na Cinemateca.*

A sessão de dia 2 terá apresentação de Svetlana Ganeva.

Talvez existam poucos arranques de carreira assim tão fulgurantes, tão fervorosos, tão vivos e vibrantes. Os três primeiros filmes de Binka Jeliaskova são isso mesmo, um cinema belicoso, fortemente artesanal, de uma criatividade assombrosa que se lança com toda a garra no retrato daquele que foi o episódio mais intenso de toda uma nova geração búlgara: a resistência antifascista e a crença na revolução socialista.

Binka Jeliaskova e Hristo Ganev, o seu marido e colaborador, eram comunistas convictos. Ambos se filiaram, na década de 1930, no Sindicato dos Jovens Trabalhadores, ainda durante a monarquia czarista ditatorial de Boris III que vigorava desde 1918, e que terminaria com a sua morte em 1943. Após a Segunda Guerra Mundial, a Bulgária entra na esfera de controlo soviético e é ocupada pela URSS nos primeiros dias setembro de 1944, seguindo-se um golpe de estado, a 9 de setembro, que declara a abolição da monarquia, executa mais de um milhão de dissidentes e instaura um regime de partido único, de influência estalinista. Logo em 1947, o casal de artistas integra o partido comunista, então Partido dos Trabalhadores Búlgaros (mais tarde Partido Comunista Búlgaro). Os dois haviam participado no esforço de guerra, integrando a resistência comunista – em particular, Ganev foi o mais novo dos *partisans* da famosa Brigada Chavdar. Tanto Jeliaskova como Ganev pertencem à primeira geração de artistas formados em contexto soviético: Binka estudou encenação na Escola Superior de Teatro, em Sófia, formando-se em 1951 e estagiando nos Estúdio Boyana, como assistente de realização [está creditada como tal no filme REBRO ADAMOVO (*‘Costela de Adão’*, 1956), de Anton Marinovich]; ao passo que Ganev estudou dramaturgia fílmica na famosa escola de cinema russa, a VGIK, em Moscovo.

Os dois representavam, portanto, a expectativa de uma nova classe intelectual comunista que faria um cinema de elogio à missão reformista do estado. Daí que o seu primeiro filme, escrito por Ganev e realizado por ambos, deixaria muito a desejar perante aquilo que seriam os desejos do Comité Central. O filme, cujo título original era *Partisans* (e que veio a chamar-se A VIDA PASSA CALMAMENTE...), corresponde – muito provavelmente – ao primeiro filme do bloco soviético a expor a contradição entre os ideais comunistas e o socialismo de estado, antecipando-se aos filmes de protesto polacos e ao cinema da Nova Vaga Checa – mais do que meramente antecipar, é seu contemporâneo, o que dá bem a ver a coincidência das vivências e das primeiras desilusões desta geração perante os novos regimes comunistas. O filme retrata um *ex-partisan* tornado deputado que começa a perseguir todos aqueles que se lhe oponham, purgando o partido dos antigos colegas de armas com quem antes enfrentara as forças nazi. Claro que a cúpula de poder não gostou deste retrato, tanto que Ivan Rahnev, do Comité Central, entendeu que « [há] algo pouco saudável, quase como uma difamação. É verdade que alguns comunistas caem e há comunistas honestos que são expulsos, mas esses acontecimentos são apenas indicados, sem carne nem sangue. No argumento esgueira-se um pessimismo e desconfiança na força do partido.» Conclusão, o filme foi banido e apesar de ter sido realizado em 1957, teve a sua primeira exibição pública apenas em 1988, já nos últimos dias do regime soviético.

Esta e tantas outras transcrições das reuniões de avaliação política dos projetos de Binka Jeliaskova foram reunidas, interpretadas e comentadas pela búlgara Neda Stanimirova, a importante crítica e historiadora de cinema que dedicou grande parte da sua vida à reconstituição dos processos censórios e persecutórios do socialismo búlgaro ao meio cinematográfico. Em particular, no extraordinário livro '*O Processo do Cinema: «Congelado no Tempo» – Longas-metragens búlgaras de 1950-1970 em documentos, memórias e análises*' (Logis Publishing House, 2012) onde, além de traçar um panorama nacional onde o totalitarismo tomava conta de todos os aspetos da criação, destaca em particular o caso de Jeliaskova, dedicando-lhe três capítulos (cada qual sobre as particularidades dos processos de aprovação e censura dos primeiros três filmes da realizadora: *A VIDA PASSA CALMAMENTE...*, *ÉRAMOS JOVENS* e *O BALÃO CATIVO*) que, pela primeira vez, foram traduzidos para outra língua e formam parte significativa da nova edição dos *Cadernos da Cinemateca* dedicada à realizadora.

Os primeiros três filmes de Binka Jeliaskova têm, de facto, uma coerência estética (imposta pela fotografia a preto e branco, é certo) e uma coerência temporal (todos remetem para o período de resistência antifascista, durante a Segunda Guerra Mundial – ainda que *O BALÃO CATIVO* se liberte em grande medida de uma clara inscrição histórica e *A VIDA PASSA CALMAMENTE...* seja mais um filme sobre a assombração desse passado bélico no tempo presente). Embora *A SUA ÚLTIMA PALAVRA* também descreva o mesmo período de resistência, fá-lo já a cores, a partir de um ponto de vista contemporâneo (o filme cruza os tempos presente – década de 1970 – os tempos da Guerra – início dos anos 1940 – e os tempos passados – anteriores ao conflito armado, ainda durante a monarquia, na década de 1930), e através de uma estética polifónica que a realizadora já havia ensaiado em *O BALÃO CATIVO*, mas que a partir de *A SUA ÚLTIMA PALAVRA* ganha o fôlego de um método. Se chamei «Trilogia da Resistência» àquela que engloba os primeiros filmes, fi-lo porque a palavra remete simultaneamente para a resistência antifascista que combateu as tropas nazis aquando da ocupação da Bulgária e, também, para a resistência com que dois desses três filmes foram recebidos pelo Comité Central do Partido Comunista Búlgaro. Resistência essa que se acentuaria ao longo da década de 1960 e que culminaria na expulsão do partido de Hristo Ganev e a proibição de trabalhar como escritor (dedicou-se à publicidade durante alguns anos) e à recusa sistemática de projetos de Binka Jeliaskova (que pior do que não poder levar a cabo alguns dos seus projetos, viu-os serem entregues a outros colegas realizadores).

A VIDA PASSA CALMAMENTE... parte de um episódio heroico (um *partisan* sacrifica-se às balas nazis para salvar os restantes membros da brigada) e de um episódio romântico (aquele beijo ao som das rajadas é absolutamente deslumbrante – o momento em que pela primeira vez eles conhecem os nomes “civis” um do outro), e será justamente aí que se encontrará a chave (algo rocambolesca e demasiado “programática”) que permite deslaçar a trama, revelando as pérfidas intenções do escultor que foi encarregado de construir a estátua que irá fixar a homenagem póstuma do herói romântico e sacrificial. Todo o filme tratará de opor – melodramaticamente (a personagem do ex-combatente coxo a personagem da amante eternamente apaixonada) – aquilo que eram os ideais revolucionários de uma geração que, entretanto, cresceu, chegou à meia-idade e se tornou cínica ou desiludida (em grande medida este filme antecipa muito de *A PISCINA* e *O ÚLTIMO BANHO NOTURNO*).

As oposições, mais do que meramente enunciativas, são também figurativas (veja-se a fabulosa conversa através da rede do galinheiro ou aquela que se faz através dos lençóis pendurados na corda, ou ainda aquele perturbador fundido encadeado entre filha e pai). No entanto, o ponto de vista adotado é, justamente, o do rapaz mais jovem (apesar da coralidade do filme, que se desmultiplica em personagens e pontos de vista – *cada um com a sua razão*), aquele que foi estudar fora, que regressa a Sófia e reconhece a desagregação moral e psicológica das personagens (bem patente no divórcio dos pais – uma das questões que mais escandalizou os comités de censura; o divórcio era permitido, mas continuava a ter uma forte carga pejorativa). É, por isso mesmo, o único que ainda é capaz de amar e de se apaixonar (há, neste casinho jovem uma antecipação de *ÉRAMOS JOVENS*). Esse romance, cristalizado na encantatória sequência do parque infantil com os dois amantes a rodopiarem diante do céu estrelado, é a razão de ser do cinema de Binka Jeliaskova – o que ficará patente em muito dos seus filmes posteriores, de forma mais ou menos evidente. Tudo começava num beijo de morte e tudo acaba em silêncio, no mesmo local, décadas depois, com todas as personagens reunidas para chorarem – à chuva! – o desamor revolucionário.

Ricardo Vieira Lisboa